

cadernos  
**IHU**  
ideias

# Sem-religião no Brasil

Dois estranhos sob  
o guarda-chuva

Jorge Claudio Ribeiro

INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



Os *Cadernos IHU ideias* apresentam artigos produzidos pelos convidados-palestrantes dos eventos promovidos pelo IHU. A diversidade dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é um dado a ser destacado nesta publicação, além de seu caráter científico e de agradável leitura.

cadernos **IHU** ideias

**Sem-religião no Brasil**  
**Dois estranhos sob o guarda-chuva**

Jorge Claudio Ribeiro

ano 11 • nº 198 • 2013 • ISSN 1679-0316

 UNISINOS

INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



# UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

## *Reitor*

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

## *Vice-reitor*

José Ivo Follmann, SJ

## **Instituto Humanitas Unisinos**

### *Diretor*

Inácio Neutzling, SJ

### *Gerente administrativo*

Jacinto Aloisio Schneider

## **Cadernos IHU ideias**

Ano 11 – Nº 198 – 2013

ISSN: 1679-0316

### *Editor*

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

### *Conselho editorial*

Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja – Unisinos

Prof. Dr. César Sanson – UFRN

Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Prof. MS Lucas Henrique da Luz

Profa. Dra. Marilene Maia – Unisinos

Dra. Susana Rocca – Unisinos

### *Conselho científico*

Prof. Dr. Adriano Naves de Brito – Unisinos – Doutor em Filosofia

Profa. Dra. Angélica Massuquetti – Unisinos – Doutora em Desenvolvimento,  
Agricultura e Sociedade

Prof. Dr. Antônio Flávio Pierucci (t) – USP – Livre-docente em Sociologia

Profa. Dra. Berenice Corsetti – Unisinos – Doutora em Educação

Prof. Dr. Gentil Corazza – UFRGS – Doutor em Economia

Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel – UERGS – Doutora em Medicina

Profa. Dra. Suzana Kilpp – Unisinos – Doutora em Comunicação

### *Responsável técnico*

Caio Fernando Flores Coelho

### *Revisão*

Carla Bigliardi

### *Editoração*

Rafael Tarcísio Forneck

### *Impressão*

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

*Instituto Humanitas Unisinos – IHU*

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467

**www.ihu.unisinos.br**

## SEM-RELIGIÃO NO BRASIL DOIS ESTRANHOS SOB O GUARDA-CHUVA<sup>1</sup>

*Jorge Claudio Ribeiro*

### **Introdução**

Nos últimos 40 anos, a sociedade brasileira tem vivido uma extraordinária movimentação no campo religioso. Nesse período, o catolicismo perdeu a gigantesca cifra de aproximadamente 24 milhões de aderentes (ou 27 pontos percentuais), e surgiram e se consolidaram as categorias dos pentecostais e dos sem-religião que, juntas, somam hoje um terço da população brasileira, ou 60 milhões de pessoas.

Essa movimentação tem sido acompanhada por um acelerado processo de urbanização: em 1970, os moradores das cidades já eram 55,9% da população brasileira; em 2010, a cifra chegou a 84,4%. Essas dinâmicas apresentam desafios tanto para os profissionais do sagrado como para os do conhecimento, incluindo aqueles que se dedicam à inestimável mensuração do fenômeno. Com números tão grandes, erigidos em tão curto prazo, a realidade se mostra mais ampla que os conceitos que procuram enquadrá-la.

Novos censos e pesquisas acadêmicas de variada abrangência ampliam as zonas de penumbra, e não de claridade, ao mesmo tempo em que tentam captar a dinâmica religiosa e sua intercorrência com realidades como a geografia, a política, a economia e a comunicação.

Em nível epistemológico, as zonas de penumbra derivam do fato de que os conceitos são retirados de ambientes institucionais e doutrinários, em geral estranhos à realidade vivida. Entre muitos outros, Simmel, James<sup>2</sup> e Luckmann já nos alertavam para a identificação acrítica entre igreja e religião<sup>3</sup>. Daí a reiteração de questionamentos, como: Quem se abriga sob os guarda-chuvas “católico”, “evangélico” ou “sem-religião”? Até que ponto estará ocorrendo mesmo alguma secularização? Cada pessoa deveria ter apenas uma religião? Não seria o espiritismo a maior “segunda religião” do brasileiro? Como classificar

---

1 Texto apresentado no 5º Colóquio na série “Modos de Secularismo e Respostas Religiosas”, proposta por Charles Taylor e organizada pelo Institute for Human Sciences, de 13 a 15/6/2013, em Viena.

2 In TAYLOR, Ch. *Varieties of Religion Today – William James Revisited*, p. 13.

3 LUCKMANN, Th. *The invisible religion*, 1º Chapter.

os fiéis não praticantes nas religiões? Calcula-se que, só no catolicismo, seriam 116 milhões de pessoas e, no protestantismo, 4 milhões<sup>4</sup>. Qual o perfil dos 9,2 milhões de “evangélicos não determinados”, apontados no Censo Demográfico de 2010? Enfim, como qualificar a participação eventual de multidões em cultos de religiões, como as afro-brasileiras, a que formalmente não pertencem?

A consideração da disparidade religiosa aponta para o equívoco metodológico de utilizar a mesma terminologia para situações completamente diferentes. No nível epistemológico, essa disparidade justifica questionar, por exemplo, em que sentido estaria mesmo ocorrendo uma secularização *à la brésilienne*. Essa tendência é constatável em uma abordagem científica/razional da religião feita por instituições seculares; uma crescente pluralidade religiosa e quebra do monopólio católico; algum nível de escolha religiosa individual, ainda não conhecido; a construção do Estado laico.

Na política, a secularização está longe de ser alcançada: persistem símbolos religiosos em espaços públicos, Deus é louvado na moeda e parlamentares evangélicos apropriam-se de estruturas parlamentares para seus interesses.

O caso que apresento a seguir é o dos sem-religião. O crescimento desse grupo – o terceiro na população brasileira – no início pareceu indicar um avanço da secularização no Brasil, acendendo uma luz verde para os estudiosos desse tema. Contudo, a análise dos microdados de vários censos demográficos revelou dois subgrupos muito diferentes, abrigados sob esse guarda-chuva: o dos recém-chegados às periferias urbanas e às fronteiras de colonização; e o dos jovens membros das elites, com renda familiar e escolaridade completamente discrepante do restante da sociedade.

Mas, antes, vamos recorrer a uma visão de conjunto.

### 1 Contexto religioso brasileiro

As tendências principais referentes às religiões no Brasil, apontadas pelo Censo de 2010, são o crescimento da diversidade dos grupos religiosos no país; a permanência majoritária do catolicismo, mas com uma contínua sangria de fiéis; a consolidação do crescimento da população evangélica; o aumento do número dos que se declararam sem religião, dos espíritas e dos aderentes a outras religiosidades.

Em percentuais comparados à população brasileira, o catolicismo despencou de 83,3% em 1991 para 73,8% em 2000 e para 64,6% em 2010, e totaliza 123,2 milhões de pessoas. Os

---

4 Dados de Thierry Lienard de Guertechin sj, do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (Ibrades) in <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,bispos-na-cnbb-estao-assustados-com-queda-do-n-de-catolicos,863438,0.htm>

evangélicos cresceram muito rapidamente nos últimos 40 anos e atualmente são 42,3 milhões ou 22,16% da população. Os sem-religião são 15 milhões, ou 8% do total. Os espíritas atingiram 2%, somando 3,8 milhões de adeptos<sup>5</sup>.

São Paulo, a principal metrópole brasileira, apresenta uma diversidade maior que o resto do país: tem menos cristãos, mais sem religião, muito mais adeptos de outras religiosidades. Há, nessa cidade, duas vezes mais ateus e agnósticos em relação ao restante do Brasil, os quais se situam nas camadas mais escolarizadas e com melhor nível de renda.

### *Qual o perfil dessas religiões?*

Depois de reinar por mais de quatro séculos como um dos principais formadores da identidade brasileira, o catolicismo vem sendo deslocado dessa posição, mas sua hegemonia se mantém em áreas menos dinâmicas. Nos últimos 30 anos, perdeu uma enorme quantidade de adeptos, sobretudo para o segmento dos evangélicos e dos sem-religião. Sua maior presença está no Nordeste e no Sul do país, sobretudo na área rural; também contém os maiores percentuais de pessoas acima de 15 anos não alfabetizadas e o segundo lugar em renda mais baixa.

Contrariamente às demais religiões, o catolicismo apresenta maior número de homens do que de mulheres. Considerando-se que, juntamente com as pessoas de idade mais avançada, as mulheres são mais assíduas aos cultos e dão maior importância à religião; que são as mães as primeiras formadoras da religião de seus filhos; que a população católica tem o maior contingente com mais de 40 anos – então é de se prever uma perda ainda mais acelerada nos próximos anos, devido à carência de formadoras para novas gerações de católicos, ou devido ao falecimento natural de seus fiéis. Hoje há menos católicos de até 29 anos do que em 2000.

Em geral, a adesão ao catolicismo no Brasil apresenta uma característica emocional: 99% dos que se identificam como católicos foram criados em famílias católicas. Parece estar havendo a passagem de um catolicismo tradicional de cristandade para um regime de opção pessoal e de comunidades conscientes.

Entre os que se declararam protestantes/evangélicos, 60% eram pentecostais (25,3 milhões, o maior segmento pentecostal do mundo), 18,5% eram de igrejas tradicionais ou de missão e 21,8% receberam a vaga rubrica de “não determinados”. Os evangélicos apresentaram os maiores percentuais entre 5 e 14 anos.

No cinturão da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, formado pelas cidades da Baixada Fluminense, as populações de católicos e de evangélicos estão quase empatadas; em Nova

5 <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2170>.

Iguaçu, os evangélicos já são maioria. Esse segmento apresentou altas taxas de pessoas com 15 anos ou mais sem instrução ou com ensino fundamental incompleto e a maior proporção na faixa inferior de rendimento.

O pentecostalismo é o subgrupo que apresenta o crescimento mais consistente nas últimas décadas. Através de práticas empresariais e da Teologia da Prosperidade, ele parece responder mais agilmente às necessidades e características do *ethos* de uma sociedade cada vez mais moderna<sup>6</sup>. Entretanto, terá o pentecostalismo condições de cumprir suas promessas e resistir às crescentes exigências de fiéis que ascenderam à classe média?

Os espíritas apresentaram a maior proporção de pessoas com nível superior completo (31,5%) e o maior percentual (19,7%) com renda superior a cinco salários mínimos.

## 2 Sem Religião

O Pew Forum on Religion & Public Life estima que 16% da população mundial (aí incluídos 2,3% de ateus) seja de não afiliados a religiões, condição que vem crescendo desde 2005<sup>7</sup>. São não afiliados: 21% da população na região Ásia/Pacífico, 18% na Europa e 19,6% nos Estados Unidos. Na América Latina, o Uruguai apresenta 17,2% de ateus/agnósticos e 23,2% são crentes-sem-religião; na Argentina, 11% são não religiosos, assim como 8,3% no Chile.

Os jovens são muito menos afiliados que as faixas mais idosas. Nos EUA, por exemplo, atualmente os não afiliados na faixa entre 18 e 29 anos são 25%; em 1970, eles eram 12%, em uma curva de constante ascensão<sup>8</sup>.

No Brasil, há 7,6% de sem-religião “*stricto sensu*” e uma parcela de 0,4% de ateus ou agnósticos (763 mil pessoas). O perfil majoritário dos sem-religião revelado pelos últimos censos indica forte predominância de homens de baixa ou nenhuma escolaridade, maior concentração nas periferias urbanas, sobretudo do Rio de Janeiro, Recife, Salvador e São Paulo. O estado de Roraima é o que apresenta mais pessoas sem religião (mais que o dobro da média nacional); o ultracatólico Piauí é onde eles são menos frequentes. Na maioria, eles têm entre 20 e 24 anos; são desempregados ou empregados sem carteira; trabalham na construção civil; não casaram no religioso ou são solteiros; migraram há menos de um ano.

---

6 GUERRIERO, Silas. “As alternativas da religião” (mimeo).

7 <http://www.pewforum.org/global-religious-landscape-unaffiliated.aspx>.  
[http://www.wingia.com/web/files/richeditor/filemanager/Global\\_INDEX\\_of\\_Religiousity\\_and\\_Atheism\\_PR\\_6.pdf](http://www.wingia.com/web/files/richeditor/filemanager/Global_INDEX_of_Religiousity_and_Atheism_PR_6.pdf).

8 <http://www.pewforum.org/Age/Religion-Among-the-Millennials.aspx>.



Os integrantes desse grupo ocupam os extremos na escala social: são os mais numerosos tanto na classe E como na classe AB. Chama a atenção a alta presença de agnósticos com nível de mestrado e doutorado<sup>9</sup>.

O quadro generalizado de carência dos sem-religião – parecem desprovidos de tudo, inclusive de religião – se completa com a perda de memória coletiva. Em estados como Minas Gerais, o catolicismo se tornou um patrimônio cultural, em suas numerosas e suntuosas igrejas e nas festas religiosas, peregrinações e romarias, em geral promovidas por antigas irmandades leigas. No polo oposto, em regiões que receberam um fluxo populacional intenso em curto período, não há uma memória católica cristalizada a que se remeter. Devido a laços sociais mais frouxos, um número significativo de pessoas não possui pertença religiosa; muitas delas, atordoadas pelo bombardeio de informações religiosas descontraídas, não se associam a nenhuma instituição<sup>10</sup>. A maioria dos sem-religião parece ter sido empurrada a essa condição por circunstâncias sobre as quais têm pouco controle e consciência, configurando uma situação dispersa.

Esse quadro sugere duas observações provisórias. A primeira: não é porque os sem-religião não constituem uma religião, ou igreja formal, que sejam uma “não categoria” e merecem ser mais bem conhecidos em sua positividade. Possivelmente, uma preciosa ferramenta para esse objetivo seja a “religiosidade” simmeliana, que pode ser aplicada aos dois subgrupos de sem-religião estudados aqui (ver a seguir)<sup>11</sup>.

A segunda é que os sem-religião, na maioria, saíram do catolicismo, mas não foram colhidos pelas curtas redes do evangelismo: como muitos mantêm resíduos de crença, é provável que essa situação ofereça possibilidades de “repscagem”.

## 2.1 *Universitários*

No outro polo do espectro social, destaca-se um segmento jovem, dotado de renda familiar, capital cultural e escolaridade muito superiores ao restante da população brasileira, além de habitar a maior metrópole da América do Sul. Acabaram de ingressar na universidade e são dotados de alto grau de “empoderamento”.

Eles foram sujeitos em minha pesquisa “Perfil da Religiosidade do Universitário – um estudo de caso na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/Brasil”. Inspirado pelas intuições e conceitos de Georg Simmel, filósofo e sociólogo alemão, nosso estudo define religiosidade como “uma faculdade humana, histó-

9 Fundação Getúlio Vargas – “Retrato das religiões no Brasil”, setembro/2011 in <http://www.cps.fgv.br/cps/religiao>.

10 “A visão aérea e a do nadador”: Reflexões sobre católicos e pentecostais no censo de 2010 - Paulo Gracino Junior in <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/issue/view/295>.

11 SIMMEL, G. *Essays on Religion*, pp. 3-7 and *passim*.

rica e culturalmente determinada, que produz sentidos para o conjunto da existência”. Assim, a religiosidade é a fonte de, entre outras, religiões e igrejas. Em quatro edições quadrienais, foram aplicadas versões de um questionário a um total de 4.500 estudantes. O instrumento se divide em três partes:

1. 20 questões fechadas (dados pessoais, familiares e acadêmicos; posição política; situação religiosa; vida associativa; fatos mais marcantes);
2. 39 frases ponderadas sobre valores e experiência religiosa do sujeito (peso de 1 a 6);
3. questões abertas.

A seguir, serão apresentados traços de certa “cultura secular” comum a esses sujeitos e caracterizada por distanciamento crítico, dúvida e bricolagem no campo religioso. Depois será apresentado um perfil mais detalhado dos universitários sem religião<sup>12</sup>.

#### a) *Cultura secular*

Para nossos sujeitos, crentes ou não, a religião tende a ser uma opção entre outras agências que elaboram sentidos para sua existência. Alguns indícios:

1. As questões principais são família, amigos, universidade, trabalho, política, religiões (esses dados coincidem com as preferências dos jovens franceses – *Valeurs* 2002).
2. A experiência “de vida” mais significativa, de longe, foi o ingresso na faculdade; em seguida, viagem ou mudança de cidade, descoberta do amor e da amizade, ingresso no trabalho, proximidade de doença, início da vida sexual, ingresso num grupo (social, artístico).
3. As experiências “espirituais” mais importantes são praticar a solidariedade, descobrir o amor/amizade, assumir a dúvida ou o ateísmo, ter contato com outras religiões, deixar de seguir qualquer religião.
4. Frequência ritual: semanal + mensal, 31%; em ocasiões especiais, 30,4%; nunca, 37,7%.
5. Entre as 39 frases ponderadas, aquelas com maiores médias foram:
  - 1) Para mim, a vida tem sentido
  - 2) Cabe principalmente a mim definir os rumos da minha vida
  - 3) Sinto-me feliz com frequência
  - 4) Às vezes converso em profundidade com outra pessoa e isso me traz energia
  - 5) Não se deve usar a religião com objetivo político
  - 6) Ter fé é mais importante que ter crenças e religiões
  - 7) Lutar pelo que acredito é um de meus rituais

12 RIBEIRO, J. C. *Religiosidade Jovem* – pesquisa entre universitários. São Paulo: Loyola e Olho d’Água, 2009.

- 5.1. As frases com médias mais baixas (= “Não é verdade que...”):
- 39) Apenas a minha religião é a verdadeira
  - 38) Tenho medo de Deus
  - 37) Já pensei em suicídio
  - 36) Concordo com as orientações de minha igreja em questões sexuais
  - 35) As pessoas devem ter só uma religião e seguir suas orientações
  - 34) Deus pode me dar tudo
  - 33) A maldade e a pobreza me fazem duvidar da existência de Deus
6. Os dados foram agrupados em cinco eixos interpretativos:
- A Vida tem Sentido**, afirmação inegável que se ancora numa confiança básica nas relações, apoia-se em boas condições familiares e em expectativas profissionais favoráveis.
- Sociabilidade**, nos grupos de amigos, nos ensaios amorosos, na solidariedade e na predisposição a aderir a grandes causas. As formas de sociabilidade (aí incluída a sexualidade) são energias que impulsionam o jovem em direção ao “grande mundo”.
- Fé-atitude** (*fides qua*) que precede postulados religiosos, sendo vivida como dimensão humana, de confiança – nas suas origens, em si mesmo, num futuro viável, nos companheiros e no transcendente.
- Religiões** são *valorizadas* por oferecerem sentido para a vida, conforto e elevação, fé, solidariedade e compaixão, melhoria ética das sociedades e exemplos. Elas são *criticadas* por realizarem “lavagem cerebral” e induzirem ao fanatismo e à irracionalidade; por tirarem dinheiro dos fiéis; ao se proclamarem donas da verdade absoluta; por sua alienação e fuga da realidade; pela manipulação via emoção e medo.
- Transcendente** é representado pela maioria de nossos universitários como um ser superior, menos como uma forma de energia e muito pouco como um ser pessoal. Curiosamente, essa sequência é típica dos crentes, ocorrendo o oposto em ateus/agnósticos.
7. A *sexualidade* foi objeto de uma questão aberta, em que foi solicitado que comentassem a frase “Concordo com as orientações de minha igreja em questões sexuais”. Considerando-se que a descoberta do amor e da amizade e o início da vida sexual são algumas das vivências mais importantes para os sujeitos, minha intuição era de que o exercício da sexualidade é importante eixo da cultura secular deles e foco de conflito com suas religiões. Com razão, Hobsbawm alerta que a revolução sexual do fim do século XX foi o triunfo do indivíduo sobre a socie-

dade e que a liberação pessoal e a liberação social se encontraram na sexualidade<sup>13</sup>.

Os pentecostais são os que mais concordam com suas igrejas; os espíritas concordam com sua religião porque ela não interfere nesse campo. Os protestantes tradicionais concordam, mas com ressalvas, bem como os afro-brasileiros, pouco numerosos. Os católicos apresentam altíssima discordância e os judeus também discordam. Para os crentes-sem-religião, ateus e agnósticos a questão nem se coloca. Os sujeitos mostram-se capazes de avaliar a diversidade de gênero e de comportamentos. Como justificativas para suas posições, apresentam valores como: sexo é uma questão pessoal; é bom quando existe amor, não é pecado nem sujo; as religiões são desatualizadas e conservadoras; são contrários à repressão sexual e à imposição do casamento e totalmente a favor da camisinha.

#### b) Sem religião

Alguns dados sobre filiação religiosa de nossos sujeitos dão a moldura geral:

- ♦ 39% dos sujeitos são sem religião (19% responderam “acredito em Deus, mas não tenho religião” + 9% agnósticos + 11% ateus). Esse percentual é superior ao de outras juventudes brasileiras e completamente diferente do da população;
- ♦ 34% dos sujeitos se diziam católicos no momento da pesquisa; 50,9% dos pais e 56% das mães são católicos, o que representa uma “evasão” superior a 17%;
- ♦ 12% são espíritas;
- ♦ 9% são protestantes + pentecostais;
- ♦ 4% são afro-brasileiros, mesmo percentual de judeus.

Mediante a análise fatorial, detectamos quatro *clusters* de sujeitos, que foram denominados Crentes Pluralistas, Devotos, Crentes-sem-religião e Seculares. Estes dois últimos *clusters* interessam mais a esta discussão.

Os **Crentes-sem-religião** (que se identificam com a frase “creio em Deus, mas não tenho religião”) são buscadores, empenhados em elaborar com autonomia um sentido para sua vida. Esse segmento, o mais numeroso, toma a parte mais conveniente de dois universos: a proteção da fé e o distanciamento ante as religiões. As frases ponderadas com médias mais altas revelam o *ethos* central desse grupo: Não se deve misturar religião e política; Cabe a cada um definir os rumos de sua vida; A fé é mais importante que as crenças e religiões; Minha vida tem sentido; Lutar pelo que acredito é um de meus rituais; Às vezes converso em profundidade com outra pessoa e isso me traz energia. As médias mais baixas: Apenas a minha religião é a

13 HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos - O breve século XX (1914-1991)*, pp. 326; 328.

verdadeira; Tenho medo de Deus; As pessoas devem ter só uma religião e seguir suas orientações; Concordo com as orientações de minha igreja em questões sexuais. Esse grupo gostaria de conhecer outras religiões e, devido à concorrência por fiéis, questiona se alguma delas tem a verdade.

Tipicamente, os crentes-sem-religião exercem atividade remunerada, utilizam a internet, têm religião diferente da herdada de seus pais e mães, que são católicos. São os que mais se interessam por amigos, trabalho e viagens, sendo menos atraídos por cinema e compras.

Comparado aos “com-religião”, esse grupo parece mais empenhado em elaborar por conta própria um sentido para sua vida e, nessa tarefa, provavelmente combina um pouco menos de felicidade a um pouco mais de autonomia. Talvez estes sujeitos sejam mais carentes de sentido e o construam com materiais a seu alcance, ao contrário dos com-religião que, de certa forma, herdaram um sentido já consolidado. Os crentes-sem-religião se nutrem mais na ação solidária e política, na fé prática e na música.

Os **Seculares** estão mais afastados do universo religioso e mais engajados na transformação deste mundo. Esse grupo exerce menos atividades voluntárias e tem maior tendência à esquerda e ao centro-esquerda. São os que mais estudaram em escola particular laica, apresentam maior número de ateus/agnósticos e participam mais de grupos culturais. Ocupam a faixa mais alta de renda familiar e apresentam o capital cultural mais elevado (mais pais e mães com pós-graduação e curso universitário completo). Entre eles há maior proporção de pais e de mães ateus e menor coincidência de religião na família.

Os Seculares deram maior média às frases: Cabe a cada um definir os próprios rumos; Minha vida tem sentido; Lutar pelo que acredito é um de meus rituais; Sinto-me feliz com frequência; Às vezes converso em profundidade com outra pessoa e isso me traz energia; Estou disposto a me engajar por uma causa humanitária (atitude que não é motivada pela fé). As médias baixas indicam que têm pouca predisposição para seguir as orientações de sua religião (incluindo em questões sexuais). Os Seculares não praticam rituais, não esperam tudo de um ser transcendente, nem esperam recompensa após a morte por suas boas ações. Comparados aos que acreditam em Deus, os Seculares representam Deus como um ser pessoal, de quem procuram se distanciar, sentem-se um pouco menos felizes, a música os conduz mais a uma dimensão superior e são os que mais pensaram em suicídio.

## Enfim,

O quadro geral e as dinâmicas analisadas permitem avaliar que o conhecimento sobre as religiões no Brasil se aproxima de um grau crescente de maturação. Com respeito aos dois seg-

mentos de sem-religião aqui expostos, sou tentado a especular quais indícios cada um deles oferece acerca do futuro. O Brasil será mais secular se houver avanço da escolaridade e da renda? Os sem-religião da periferia retornarão a alguma religião? Acaso, e quando, o catolicismo e o evangelismo empatarão esse jogo? Com a palavra, os próximos censos demográficos.

Acerca do catolicismo, penso que o que deveria estar em xeque não é a perda de fiéis, mas o fulgor de sua chama. Se conseguir estancar a desidratação de sua seiva, se não abortar o espírito que o insufla desde sua origem, então o catolicismo se manterá relevante, recuperando sua autoridade moral e a capacidade de inspirar ações generosas e exemplares.

Isso também vale para as demais religiões e interessa à humanidade.

## Referências

### Livros

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos – O breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LUCKMANN, Th. *The invisible religion – the transformation of symbols in Industrial Society*. New York: Macmillan, 1967.

RIBEIRO, J. C. *Religiosidade Jovem – pesquisa entre universitários*. São Paulo: Loyola e Olho d'Água, 2009.

SIMMEL, G. *Essays on Religion*. Yale: Yale University Press – Durham, 1997.

### Outras

Fundação Getúlio Vargas – “Retrato das religiões no Brasil”, setembro/2011 in <http://www.cps.fgv.br/cps/religiao>

GRACINO Jr, Paulo “A visão aérea e a do nadador”: Reflexões sobre católicos e pentecostais no censo de 2010 – in

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/issue/view/295>

GUERTECHIN, Thierry Lienard, sj. Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (Ibrades), in <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,bispos-na-cnbb-estao-assustados-com-queda-do-n-de-catolicos,863438,0.htm>

GUERRIERO, Silas. “As alternativas da religião” (mimeo)

IBGE- <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2170>

PEW FORUM-

<http://www.pewforum.org/global-religious-landscape-unaffiliated.aspx>

<http://www.pewforum.org/Age/Religion-Among-the-Millennials.aspx>

WIN-Gallup International –

[http://www.wingia.com/web/files/richeditor/filemanager/Global\\_INDEX\\_of\\_Religiosity\\_and\\_Atheism\\_PR\\_\\_6.pdf](http://www.wingia.com/web/files/richeditor/filemanager/Global_INDEX_of_Religiosity_and_Atheism_PR__6.pdf)

## CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – Dr. José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Dra. Edla Eggert  
*O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo* – MS Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Jornalista Sonia Montañó
- N. 04 *Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Dr. Manfred Zeuch
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Profa. Dra. Suzana Kilpp
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Profa. Dra. Márcia Lopes Duarte
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Prof. Dr. Valério Cruz Brittos
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Profa. Dra. Márcia Tiburi
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Profa. Dra. Paula Caleffi
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Profa. Dra. Edla Eggert
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Prof. Dr. Gunter Axt
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Profa. Dra. Débora Krischke Leitão
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Profa. Dra. Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Profa. Dra. Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Profa. Dra. Lucilda Selli
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Prof. Dr. Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Prof. Dr. Valério Rohden
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Profa. Dra. Miriam Rossini
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Profa. Dra. Nísia Martins do Rosário
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – MS Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Profa. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Prof. Dr. Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – Prof. MS José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Prof. Dr. Juremir Machado da Silva
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – Prof. Dr. André Gorz
- N. 32 *À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades* – Prof. Dr. André Sidnei Muszkopf
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Profa. Dra. Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Prof. Dr. Airton Luiz Jungblut
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho
- N. 38 *Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Prof. Dr. Luiz Mott
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Prof. Dr. Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – MS Adriana Braga
- N. 41 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Profa. Dra. Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Prof. Dr. Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Prof. Dr. Gérard Donnadiu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Prof. Dr. Lothar Schäfer
- N. 46 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Profa. Dra. Ceres Karam Brum

- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Prof. Dr. Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Prof. Dr. Gérard Donnadiéu
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Prof. Dr. Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Prof. Dr. Evilázio Teixeira
- N. 51 *Violências: O olhar da saúde coletiva* – Éilda Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e emoções morais* – Prof. Dr. Thomas Kesselring *Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral?* – Prof. Dr. Adriano Naves de Brito
- N. 53 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 54 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – Profa. Dra. An Vranckx
- N. 55 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 56 *O decrescimento como condição de uma sociedade convivial* – Prof. Dr. Serge Latouche
- N. 57 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Prof. Dr. Günter Küppers
- N. 58 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Dra. Hazel Henderson
- N. 59 *Globalização – mas como?* – Profa. Dra. Karen Gloy
- N. 60 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – MS Cesar Sanson
- N. 61 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo* – Profa. Dra. Regina Zilberman
- N. 62 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Prof. Dr. Fernando Lang da Silveira e Prof. Dr. Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
- N. 65 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Profa. Dra. Léa Freitas Perez
- N. 66 *Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. João Guilherme Barone
- N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 69 *A cosmologia de Newton* – Prof. Dr. Ney Lemke
- N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Profa. Dra. Miriam de Souza Rossini
- N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Profa. Dra. Léa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Prof. MS Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Profa. Dra. Ana Maria Lução Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Prof. Dr. Octavio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Prof. Dr. Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Prof. Dr. Arno Alvarez Kern
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Profa. Dra. Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Bioética* – Prof. Dr. Alfredo Culleton e Prof. Dr. Vicente de Paulo Barretto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Prof. Dr. Attico Chassot
- N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Profa. Dra. Patrícia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Prof. Dr. Mario Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Profa. Dra. Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Prof. Dr. Marcelo Perine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Prof. Dr. Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Profa. Dra. Maria Cristina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Prof. Dr. Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Prof. Dr. Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – MS Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência* – Prof. Dr. Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – MS Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Profa. Dra. Marinês Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – MS Susana María Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Dra. Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Prof. Dr. Valerio Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes
- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – MS Adriano Premebeda



- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Profa. Dra. Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Profa. Dra. Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Profa. Dra. Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático?* – Prof. Dr. Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Prof. Dr. Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Prof. Dr. Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração* – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhési
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – MS Sonia Montañó
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Prof. MS Carlos Daniel Baioto
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávoro
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Rôber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascudo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói* – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
- N. 131 *A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borba da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta
- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greyce Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schutz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois"* – Claudia Wasserman
- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni

- N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'yikue no município de Caarapó-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
- N. 158 *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159 *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
- N. 160 *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brayner de Farias
- N. 162 *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 *Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva
- N. 164 *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?* – Serge Latouche
- N. 165 *Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre* – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 *Convivialidade e decrescimento* – Serge Latouche
- N. 167 *O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga* – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 *O decrescimento e o sagrado* – Serge Latouche
- N. 169 *A busca de um ethos planetário* – Leonardo Boff
- N. 170 *O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo* – Marco Antonio de Abreu Scapini
- N. 171 *Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes* – Gerson Egas Severo
- N. 172 *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais* – Bruno Pucci
- N. 173 *Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral* – João Roberto Barros II
- N. 174 *Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas* – Marcelo Fabri
- N. 175 *Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes* – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 *Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas* – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 *Um caminho de educação para a paz segundo Locke* – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 *Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos* – Lenio Luiz Streck
- N. 179 *Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau* – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 *Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização* – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 *Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade* – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 *Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro* – José Rogério Lopes
- N. 183 *A Europa e a ideia de uma economia civil* – Stefano Zamagni
- N. 184 *Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como "discurso-limite")* – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 *A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade* – Stefano Zamagni
- N. 186 *A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados* – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 *Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil* – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 *Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção* – Luis David Castiel
- N. 189 *Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero* – Marlene Tamanini
- N. 190 *Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito* – Claudia Fonseca
- N. 191 *#VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras* – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Wernick Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 *A ciência em ação de Bruno Latour* – Leticia de Luna Freire
- N. 193 *Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma Questão sociotécnica* – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 *A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade* – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 *Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica* – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 *A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico* – Adolfo Nicolás
- N. 197 *Brasil: verso e reverso constitucional* – Fábio Konder Comparato



Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, e em Jornalismo pela Universidade de São Paulo, **Jorge Cláudio Noel Ribeiro Júnior** é mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e doutor em Ciências Sociais pela mesma instituição. Fez pós-doutorado em Sociologia das Religiões na École des Hautes Études en Sciences Sociales, de Paris, na Unicamp e na Columbia University de Nova York. É professor livre-docente em Ciências da Religião e professor titular na PUC-SP, onde leciona desde 1976.

### **Algumas obras do autor**

RIBEIRO JÚNIOR, J.C.N. *Coração DoCente*. São Paulo: Olho d'Água/Loyola, 2012.

\_\_\_\_\_. *Religiosidade Jovem: pesquisa entre universitários*. São Paulo: Loyola/Olho d'Água, 2009.

\_\_\_\_\_. *Sempre Alerta: condições e contradições do trabalho jornalístico*. São Paulo: Brasiliense/Olho d'Água, 1994.